

Uma Sexta Inesquecível

Era sexta-feira, já passava das dez da manhã e eu andava lentamente admirando o jardim do Parque da Independência. Tratava-se da minha primeira visita ao Museu Paulista e avistá-lo de longe “enchia os olhos” tamanha beleza e exuberância. Eu não sabia o que encontraria lá, mas cada passo aumentava minhas expectativas. Fui chegando perto, sem falar, só observava a arquitetura imponente de um verdadeiro palácio que guardava lembranças centenárias de São Paulo.

Ao entrar no Museu a palavra que me descrevia era “encantada” com tudo que avistei. A escadaria que nos conduzia ao piso superior nos colocava no cenário do século XVIII. Esculturas, pinturas a óleo, quadros lindos, documentos históricos, objetos interessantíssimos. Fui me descobrindo a cada passo e vi que tinha muito a aprender.

O que inicialmente julguei ser um vaso, na verdade era uma cuspeira, colocada na entrada das casas, para que os habituados a mascar fumo pudessem cuspir.

Descobri que Barata não é apenas um inseto repugnante, mas também era o nome de um médico que combateu a favor da independência. Vi pinturas onde os nomes continham a letra V no lugar no U. A escrita que com o tempo acabou mudando.

Eu queria aproveitar mais: subir, descer, andar pelos corredores, fazer parte ainda que por alguns instantes da nossa Independência. Mas de repente, percebi alguém me chamando – era hora de fechar. Fiquei em silêncio por alguns instantes, olhando tudo ao redor. Queria guardar na memória o registro daquele dia.

Desci as escadas lentamente, despedindo-me da história e cheia de coisas para contar.

Depois dessa visita tiveram outras, mas nada se compara a alegria que senti aos treze anos, quando estive lá pela primeira vez.

Às vezes o chamo de Museu Paulista, outrora de Ipiranga. Mas, o que realmente importa é a sensação que eu tenho ao fechar os olhos e me recordar daquela Sexta Inesquecível.